



V SEMINÁRIO DE ESTÁGIO

DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Maria Isabel Ferreira Cruz (URCA)¹;

e-mail: isabel.cruz@urca.br

Nicolas Sousa Machado (URCA)¹;

e-mail: nicolas.sousamachado@urca.br

Joscyanna da Silva, Ferreira (URCA)¹;

e-mail: Joscyanna.silva@urca.com

Geysa Cachate Araújo de Mendonça (URCA)²

e-mail: geysa.cachate@urca.br

Luciana Nunes de Sousa (URCA)²

e-mail: Lucianag888@gmail.com

¹ Discentes departamento de Educação Física da Universidade Regional do Cariri - URCA

² Docentes do departamento de Educação Física da Universidade Regional do Cariri - URCA

RESUMO

Com base na importância da vivência escolar para a docência, quando realizado o estágio, o discente pode observar e aprender as práticas pedagógicas realizadas pelos professores colaboradores, absorvendo-as como parâmetro e exemplo a ser utilizado em aula, seja durante o estágio ou pós-graduação. Em virtude disto, o objetivo deste trabalho foi descrever as experiências vivenciadas no estágio supervisionado, a fim de demonstrar as variadas perspectivas do processo de ensino e aprendizagem. O estudo caracteriza-se como de natureza básica, abordagem qualitativa, com objetivos descritivos, do tipo relato de experiência. A partir da importância da vivência escolar especial inclusiva para o docente, durante nossa formação acadêmica, tivemos a oportunidade de experienciar a sala de aula através da disciplina de Estágio Supervisionado V, realizado na APAE (Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais) de Juazeiro do Norte – CE, cumprimos uma carga horária de 36h aula com período máximo de até dois meses para conclusão. Nesse período mostrou-se como o maior desafio as diferentes estratégias de ensino que precisam ser adotadas para contemplar os diferentes tipos e graus de deficiência, visto que cada atividade necessita ser adequada para cada individualidade.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado, Educação Física, Inclusiva

INTRODUÇÃO

Entende-se estágio como uma atividade curricular supervisionada que compõe o processo de formação do estudante, essa prática no âmbito da Educação Física é de tamanha importância para a formação acadêmica de futuros profissionais que atuarão em escolas. Todavia, o grau de importância e o aprimoramento de dominar o ensino como professor é avançado quando passamos pelo estágio com pessoas com deficiência.

O estágio supervisionado V, disciplina ofertada pelo curso de Licenciatura em Educação Física na Universidade Regional do Cariri, vem inserir seus discentes no campo de atuação da educação física na perspectiva inclusiva, na escola regular ou em instituições de educação especial, onde é possibilitado uma experiência com as pessoas com deficiência e outras necessidades educacionais específicas. Para esta vivência é necessário sensibilidade e inclusão. Aguiar (2005) corrobora afirmando que, a Educação Física é um ótimo mediador para que esta inclusão possa ser exercida, pois, ela auxilia no desenvolvimento das capacitações e condições igualitárias dos estudantes, quando é exercida de forma estratégica para minimizar a exclusão dos mesmos.

O estágio supervisionado nos possibilita vivenciar os desafios e as superações que o professor de Educação Física enfrenta, desde a montagem do plano de aula até a realização deste em sala de aula, visto que para sua intermediação é necessário entender as particularidades dos alunos, auxiliá-los e contribuir com o seu desenvolvimento físico/motor, cognitivo, afetivo e social. Para que isso ocorra é necessário tornar o ambiente escolar um espaço lúdico e de cooperação entre todos, sendo capaz de interpretar que a palavra “deficiência”, não refere-se apenas a deficiência física.

De acordo com a lei Nº 13.146 de 6 de Julho de 2015, institui a lei Brasileira de inclusão da pessoa com deficiência (Estatuto da Pessoa com deficiência), em seu Art 2º, reitera que

“Considera-se pessoas com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial o qual em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade condições com as demais pessoas.” (BRASIL, 2015 p. 5).

Ela fomenta quais pessoas fazem parte do grupo que compõem as pessoas com deficiências, englobando também pessoas com transtorno do espectro autista, como pode ser constatado na Lei Nº 12.764, de 27 de Dezembro de 2012, onde no Art 2º afirma que “ a pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais” (BRASIL, 2012,p.4).

Em virtude disto, o objetivo deste trabalho foi descrever as experiências vivenciadas no estágio supervisionado, a fim de demonstrar as variadas perspectivas do processo de ensino e aprendizagem. Identificando os desafios enfrentados pelos estagiários da área de educação física para a aplicação das aulas na educação especial e fomentar estratégias para a promoção de aulas inclusivas. O estudo caracteriza-se como de natureza básica, abordagem qualitativa, com objetivos descritivos, do tipo relato de experiência.

DESENVOLVIMENTO

Experiência Inicial: Desafios a serem enfrentados

O estágio supervisionado vivenciado na fase acadêmica é de grande contribuição para a formação dos futuros profissionais em licenciatura. É através do estágio que os estudantes experienciam ser professores e são capazes de aprender a enfrentar os desafios e a montar estratégias, para lidar com todos os tipos de pluralidades encontradas no ambiente escolar. Desta forma, Pimenta (2010), afirma que o estágio tem por finalidade propiciar ao aluno, uma aproximação à realidade que irá atuar e é componente curricular dos cursos de formação de professores, sendo uma atividade teórica, preparadora de uma práxis.

Baseado na importância do estágio para os discentes, durante nossa formação acadêmica, tivemos a oportunidade de vivenciar a educação especial na perspectiva inclusiva, através da disciplina de estágio supervisionado V, realizado na APAE de Juazeiro do Norte, organização não governamental e sem fins lucrativos. O estágio iniciou dia 11 de novembro de 2022 e a conclusão se deu-se no dia 21 de dezembro de 2022, totalizando 36h aulas, ministradas uma vez por semana durante 2 meses.

Ficamos responsáveis por duas turmas: a turma do primeiro horário que era formada por crianças entre oito e doze anos, diagnosticadas com o transtorno do espectro autista (TEA). A segunda turma era formada por adolescentes e adultos com diferentes tipos de deficiência (física, mental, intelectual, sensorial e múltipla). As crianças diagnosticadas com TEA eram calmas, conseguiam ter uma boa comunicação com todos, mas se mostravam resistentes para desenvolver atividades físicas em grupos e preferiam jogos de raciocínio, como quebra cabeça e jogo da memória.

Os jovens e adultos com deficiência tinham por características agitação e raiva, mas gostavam de estar juntos. Sempre procuravam conversar com todos e optavam por tarefas que exigiam esforço físico, como circuitos e recreação aquática, mesmo não possuindo bom desenvolvimento motor e físico. Ambas as turmas muitas vezes demonstravam comportamentos repetitivos na fala e nos movimentos, característicos de pessoas com deficiência.



Desenvolver do Estágio: A busca de estratégias e superação dos desafios

Na primeira semana que se configura a semana de observação, tivemos um grande estranhamento com a realidade dos alunos, ficamos receosos de como aplicar a Educação Física, pois mesmo com o amplo espaço da APAE, a diversidade de materiais esportivo disponíveis, e mesmo já havendo estudado sobre inclusão, pessoas com deficiência e passado por quatro estágios anteriores, nada se assemelhava a estar inserido em um ambiente de educação especial inclusiva em que nós seríamos regentes. Esta semana foi necessária para visualizar a dimensão das dificuldades que enfrentaríamos. A quantidade de professores de Educação Física responsáveis por ministrar as aulas era apenas um, número insuficiente para a quantidade de educandos com deficiência.

Assim, a professora colaboradora ficava sobrecarregada, impossibilitando que todos os alunos pudessem receber a atenção necessária. Na primeira semana observamos como cada aluno se comportava e através dessas observações realizamos intervenções com o intuito de fornecer o suporte necessário para a professora.

A pluralidade de características que cada deficiência traz permite o comportamento singular de cada aluno. Alguns eram reservados e retraídos, outros mais sociáveis e participativos. Trazendo consigo de forma inconsciente e não intencional, novos desafios para nós discentes e futuros professores. Com um olhar acolhedor e inclusivo, foi possível compreender a forma que cada educando observa e compreende o mundo nos momentos inseridos em sala, através de experimentações de tarefas, e do entendimento das suas motivações para a realização prática das atividades físicas. Alguns se identificavam com atividades que proporcionam desafios a si próprio, tal qual o jogo de “cartinhas”. Outros alunos preferiam jogos de tabuleiro e de raciocínio lógico. Com múltiplas diversidades, foi desafiador reunir as características de cada pessoa e através dessas diferenças trazer atividades que contemplassem a todos.

Diante de tal desafio, tivemos que montar estratégias para o ensino da educação física em duas turmas distintas (uma no primeiro horário e outra no segundo horário). Utilizamos estratégias para todos os alunos de acordo com as características que suas deficiências lhe faziam agir. Quanto aos educandos com TEA, mantivemos os jogos de raciocínio e para estimular suas capacidades físicas acrescentamos recompensas. Aos alunos que concluíam uma tarefa, era recompensado com uma nova tarefa, dessa vez física. Ao concluir um quebra cabeça, por exemplo, o aluno era recompensado com a missão de concluir um minicircuito lúdico formado por bambolê coloridos, cones, corda e quebra cabeça de EVA, como forma de se mexer e comemorar. Para essa tática ser bem-sucedida praticávamos junto ao aluno, para que o mesmo não se envergonhasse e os demais se sentissem motivados a fazer também.

Ademais, mesmo a maioria aderindo, algumas crianças com TEA se recusaram a realizar o circuito funcional. É difícil mudar os hábitos quando as crianças já estão acostumadas a uma rotina sedentária mesmo em um ambiente com profissional de Educação Física, que zela pela saúde do corpo e sabe dos benefícios da atividade física, ainda assim é um desafio para nós futuros professores usar de artimanhas que consigam fazer com que todos, sem exceção, participem das aulas de Educação Física.

Segundo Bracht (2007, p.43), “É importante a prática de Educação Física, em todas as perspectivas, é a que a considera como disciplina que, por meio das atividades físicas, promove a educação integral do ser humano.” Pode-se destacar que a importância do movimento para o desenvolvimento do aluno, tanto intelectual como físico, oferece possibilidades e perspectivas de uma relação social integrativa. Para os adolescentes e adultos com deficiência intelectual e física, tivemos maior aceitação das atividades físicas, visto que a maioria já eram atletas paralímpicos da APAE. Todavia, ainda assim tivemos desafios a serem enfrentados com os alunos não atletas, que em sua maioria tinham membros superiores e

inferiores acometidos, dificultando a realização do movimento ou posse de bola com pés e mãos.

Para realizarmos o circuito funcional previsto em nosso plano de aula, por exemplo, como estratégia inclusiva, nós estagiários utilizamos do amparo físico e verbal para essas pessoas: pegando no braço, andando devagar e usando palavras de incentivo e apoio. Muitas vezes o plano de aula não passava de um plano e era necessário ideias avassaladoras para conseguirmos driblar os empecilhos e ter artifícios suficientes para saber lidar com cada peculiaridade. Daolio (2004), afirma que a Educação Física é uma área que estuda e atua sobre a cultura corporal de movimento. Por isso, o profissional que atua nesta área deve ter subsídios suficientes para saber como e qual a melhor maneira de realizar a sua intervenção junto àquele aluno que tem uma cultura corporal de seus movimentos restritos, devido à falta de habilidade ou estímulos.

Nesse contexto, percebemos que nós acadêmicos e profissionais da educação física, muitas vezes não nos damos conta da dimensão da nossa profissão. Ademais, não temos noção do impacto positivo na saúde física e psicológica de cada criança e de cada pessoa, seja ela com, ou sem limitações físicas e intelectual. Ao chegarmos a um certo período do estágio supervisionado V, conseguimos perceber o quão prazeroso é ensinar e mais grandioso ainda, é aprender com cada olhar de satisfação e cada sorriso de gratidão, uma vez que, a essa altura do estágio, o receio que tínhamos em ensinar e o medo que eles tinham em tropeçar nas etapas do circuito, foram substituídos por superação, que só pôde ser construída quando percebemos que os desafios não eram desafios e sim, oportunidades para mudar as estratégias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessarte, percebemos o quão grandioso e desafiador é a experiência pedagógica, visto que o estágio nos tira de um estado leigo de ensino inclusivo, para o real sentido de saber ensinar. No estágio V o principal objetivo é instruir pessoas com deficiências à prática da atividade física, mas ao vivenciá-lo, nós somos instruídos a sermos mais humanos. A respeitar o tempo e as individualidades, a ensinar e aprender mutuamente. Somente depois de experienciar esse período, é que somos capazes de perceber a grandiosidade da profissão escolhida e do quão forte e profundo é o sentido da práxis no ensino da Educação Física inclusiva.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a APAE (Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais) de Juazeiro do Norte pelo acolhimento durante as nove semanas de estágio, sempre nos auxiliando e cedendo os equipamentos e materiais necessários para que pudéssemos realizar da melhor forma possível nossas aulas, conseguindo extrair o máximo dos discentes que ali se encontravam; A professora Elizângela, a qual esteve sempre nos dando suporte e apoio na prática pedagógica; as professoras Geysa Cachate e Luciana Nunes, por nos orientar no processo do estágio; E a Universidade Regional do Cariri-URCA, pela contribuição na nossa formação.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, J. S.; DUARTE, E. **Educação Inclusiva**: um estudo na área de educação física. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v. 11, n. 02, p. 233-240, maio/ago. 2005.

BRACHT, Valter. **Educação física & ciência**: cenas de um casamento (in) feliz. 3ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2007

BRASIL, 2015, Lei n. 13.146, de 6 de jul. de 2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm; acesso em: 09 dez. 2022.

BRASIL, Lei nº 12.764 de 27 de dezembro de 2012. **Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtornos do Espectro Autista**. Presidência da República, Casa Civil. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/Msg/VEP-606.htm >. Acesso em: 09 dez. 2022.

DAOLIO, J. **Educação Física e conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores unidade teoria e prática**. 9. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2010.